

UMA NOITE EM 67 (2010), de Renato Terra e Ricardo Calil

Julia Porchat Knudsen¹

O documentário é o longa metragem de estréia da dupla Renato Terra² e Ricardo Calil³ na direção. Renato Terra é diretor, roteirista, publicitário e ator. Já Ricardo Calil é jornalista, documentarista e crítico de cinema, trabalhando em veículos como *Folha de São Paulo*, *Trip* e *Bravo*. O filme é uma co-produção com a Rede Record⁴, que cedeu as imagens inéditas de arquivo, das quais é proprietária.

Dia 21 de outubro de 1967 foi a data do 3º Festival de Música Popular Brasileira da TV Record, no Teatro Paramount, em São Paulo. Nele, jovens artistas se apresentaram para um público fervoroso decidir quem tinha a melhor canção. Estrelas que hoje temos como ícones da música brasileira eram novatos buscando conquistar a plateia.

Nessa noite inesquecível, apresentaram-se Caetano Veloso com *Alegria, Alegria*, Chico Buarque e MPB 4 com *Roda Viva*, Edu Lobo e Marília Medalha com *Ponteio*, Gilberto Gil e Os Mutantes com *Domingo no Parque*, Roberto Carlos com *Maria, Carnaval e Cinzas* e Sérgio Ricardo com *Beto Bom de Bola*, dentre outros trabalhos. A torcida aplaudia e vaiava com vigor as músicas amadas e odiadas por ela. Era uma disputa acirrada. O grande vencedor foi *Ponteio*, de Edu Lobo e Maria Medalha. Sérgio Ricardo foi vaiado pelo público, trocaram ofensas, com o cantor espatifando seu violão e jogando o que restou dele na direção do público, momento, talvez, o mais lembrado da história dos festivais. Ele compartilha esse arrependimento pelo seu gesto em sua entrevista no filme.

O longa resgata e aborda a noite do festival através do uso de raras imagens dos bastidores. Junto a esse registro histórico são intercaladas entrevistas atuais com pessoas que participaram da noite: artistas, membros do júri, críticos ou os que participaram da organização do evento. As imagens de arquivo são pretas e brancas e as entrevistas, coloridas.

¹ Bolsista de Iniciação Científica CNPq, orientado pelo prof. dr. Eduardo Morettin, dentro do projeto “Cinema e história no Brasil: estratégias discursivas do documentário na construção de uma memória sobre o regime militar” (Edital Universal 14/2013 - Faixa B - até R\$ 60.000,00, processo número 163194/2015-7).

² Ver ADORO CINEMA: Personalidades, disponível em <http://www.adorocinema.com/personalidades/personalidade-70829/filmografia/#atores>, acesso em 14/12/2016.

³ Ver FILME B: Quem é Quem no Cinema, disponível em <http://www.filmeb.com.br/quem-e-quem/diretor/ricardo-calil>, acesso em 14/12/2016.

⁴ FEIX, Isabel. *Uma Noite em 67: Hibridismo e intertexto*. Porto Alegre. 2010. Graduação. Jornalismo/Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Orientador: Miriam Rossini. Disponível em <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/27916/000767666.pdf?sequence=1>, acesso em 14/11/2016.

A sequência inicial, que dura aproximadamente sete minutos, é representativa tanto da estrutura estética quanto do conteúdo do filme. A cena de abertura é a apresentação de *Ponteio*, a música vencedora, por Edu Lobo e Marília Medalha. O público vai à loucura. É um momento bem decupado: vemos os dois de perto, as pessoas que assistem de perto, o palco inteiro de frente e a plateia vista de cima. Chega ao fim, os músicos agradecem. Entra o título e o crédito da direção. A primeira entrevista que vem a seguir é de Solano Ribeiro, produtor do festival, contando de suas memórias. Perguntado pelos diretores se ele tinha uma música preferida dentre as apresentadas, ele responde que só queria que o festival funcionasse, que o objetivo maior era que fosse um bom programa de televisão, com qualidade de entretenimento, e nada mais do que isso. Os sentidos históricos de resistência musical, com o tropicalismo, de política e oposição à ditadura, seriam atribuídos muito depois. O clima era de tensão entre todos os envolvidos, inclusive os artistas, para que aquela transmissão ao vivo para milhares de casas fosse bem executada, e um deles tivesse a chance de tornar-se um astro⁵.

Após a entrevista de Solano, temos as imagens de bastidores de Chico Buarque, garoto, sendo entrevistado pelos apresentadores Randal Juliano e Cidinha Campos, que lhe perguntam o que seria uma música de festival. Chico responde que, com as edições de festivais anualmente realizadas, foi se formando um padrão para o público: há uma certa estética, com arranjos e ritmos mais semelhantes, que tendem a fazer mais sucesso e percebe-se uma formulinha. Cidinha interrompe-o para finalizar a entrevista, eles se despedem, Chico se retira. Entra a entrevista seguinte, do diretor da TV Record à época, Paulinho Machado de Carvalho. Ele comenta que concebiam o programa de TV do festival como uma luta livre, por exemplo, onde tinham os personagens do bonzinho, do vilão, da mocinha etc. Segundo ele, Chico Buarque era o bom moço. Como se sabe, do ponto de vista da comunicação, tiveram sucesso com essa estratégia.

É interessante e ver figuras da música brasileira, hoje já consagradas, tão ansiosas de encararem o público sem terem ainda a garantia de serem bem aceitos. As tomadas de bastidores nos revelam essas intimidades. Contudo, a dimensão de entretenimento era uma das presentes no evento. Em tempos da censura, os festivais

⁵ Para uma história dos festivais da canção e de sua transmissão televisiva nos anos 1970, ver Marcos Napolitano, *Seguindo a canção: engajamento político e indústria cultural na MPB (1959/1969)*, São Paulo: Anna Blume / FAPESP, 2001.

eram acompanhados de perto, dado que havia o receio de que críticas, direta ou indiretamente, fossem veiculadas pelas músicas ou pelos cantores em suas entrevistas⁶.

O filme não se posiciona didática ou explicitamente sobre o momento histórico. Claro que a maneira como o filme se estrutura, como é montado e o material selecionado sempre vão produzir um sentido e isso é escolhido por quem o realiza, mas a maneira como o filme mobiliza o material de arquivo traz uma certa impressão de imparcialidade. Nesse sentido, Paulo Santos Lima se manifesta⁷:

A partir do que os realizadores explicam sobre seu longa, como se a célebre noite fosse parte de um todo maior chamado momento político brasileiro, parece que *Uma Noite em 67* é, apenas, um discurso que reúne registros e reflexões acerca do que essas imagens carregam. “Apenas”, melhor apontando. Porque é desse comedimento, que parece primo da isenção, que a simples (direta, estrita, essencial) execução documental desse que é dos grandes instantes da cultura nacional ganha valor. Valor pela inexistência de precedentes, pelo não feito antes. Valor, também, pela franqueza com a qual os diretores optam pelo freio, pelo respeito a um material que estava meio largado em algum canto por aí. Parece inescapável que *Uma Noite em 67* passe longe da modernidade de Eduardo Coutinho e Carlos Nader, ou da ficcionalização questionável de José Padilha, para se aproximar de um estado primordial em que o olho encontra o jamais visto, ainda sem julgar, talvez a se encantar.

Em seu Trabalho de Conclusão de Curso intitulado *Uma Noite em 67: Hibridismo e intertexto*⁸, a aluna da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Isabel Feix, desconstrói essa interpretação de ausência de ponto de vista no documentário, presente na análise de Paulo Santos Lima. Ela chama atenção para o fato de que os únicos depoimentos no filme sobre a noite serem de quem a vivenciou e não há nenhuma voz over. Essa escolha estética tem peso na sensação de autenticidade que transmite o filme, mas Feix ressalta que tudo o que aparece na tela foi roteirizado e selecionado pelos diretores em meio a outros relatos e imagens. O que vemos é a seleção deles e, portanto, um produto com claro ponto de vista, assim como toda obra cinematográfica.

Feix também nos disponibiliza os seguintes dados sobre o filme: o documentário se tornou em 2010 o oitavo filme brasileiro mais visto do ano, sendo o primeiro colocado no gênero documentário. Seu público superou os 80 mil

⁶ Informações disponíveis no site do filme www.umanoiteem67.com.br, acesso em 14/11/2016.

⁷ Paulo Santos Lima, “Nas fundações do cinema documental”, *Revista Cinética*, abril de 2010. Disponível em <http://www.revistacinetica.com.br/noiteem67.htm>, acesso em 14/11/2016.

⁸ Isabel Feix, *op. cit.*

espectadores. Dentro da categoria documental, o próximo colocado, *Dzi Croquettes*, (Tatiana Issa e Raphael Alvarez, 2009), atingiu cerca de 22 mil espectadores.⁹

O filme, seus produtores e diretores foram indicados ao Grande Prêmio do Cinema Brasileiro – Melhor Documentário de 2011. Posteriormente ao lançamento do filme, os dois diretores lançaram o livro homônimo¹⁰ pela editora Planeta, reunindo as entrevistas utilizadas no longa. O livro relata ainda mais bastidores do que o filme. Para quem se interessa pelo que está atrás das cortinas é um prato cheio.

⁹ Dados do Portal Filme B, disponível em <http://www.filmeb.com.br/portal/html/portal.php>, acesso em 15/11/2010.

¹⁰ Ricardo Calil e Renato Terra. *Uma Noite em 67*. São Paulo: Editora Planeta, 2013.